



ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES PARTICIPANTES DO GRUPO MOÇA DO MUNICÍPIO DE INCONFIDENTES-MG.

Sílvia Isabel de OLIVEIRA¹; Carlos Alexandre de MELO²; Paula Inácio COELHO³

RESUMO

Este trabalho consiste em um relato de experiência sobre o projeto de extensão alfabetização de mulheres crocheteiras do grupo MOÇA. O projeto foi desenvolvido por meio de parceria entre o IFSULDEMINAS, campus Inconfidentes e a Prefeitura Municipal de Inconfidentes. Contou com a participação de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia. As atividades de alfabetização foram inspiradas na filosofia freireana e na educação popular. Os encontros resultaram, para as mulheres, em momentos de aprendizado, progressiva conquista de autonomia, socialização e democratização do acesso ao conhecimento e à cultura. Para os estudantes de Pedagogia o projeto possibilitou vivências enriquecedoras que contribuíram significativamente para a formação do educador.

Palavras-chave: Educação de adultos; educação Popular; Gênero.

1. INTRODUÇÃO

O grupo MOÇA - Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia, é formado por mulheres crocheteiras do município de Inconfidentes, MG. O grupo surgiu por iniciativa da Prefeitura em parceria com o IFSULDEMINAS, por meio de aprovação de projetos de extensão no edital IF Mulher, nos anos de 2019, 2021 e 2022. Um dos propósitos de constituição do grupo foi o de fornecer às crocheteiras instrumentos para organização de uma associação para que, a longo prazo, possam conquistar autonomia produtiva e receber, de forma justa, o retorno financeiro do seu trabalho. Aliados a este objetivo estavam, também, os objetivos educacionais relacionados à alfabetização daquelas mulheres que tinham pouca ou nenhuma escolaridade. Este relato de experiência aborda as ações educativas de alfabetização promovidas com as mulheres do grupo MOÇA ao longo do segundo semestre do ano de 2022, contando com atuação de uma aluna bolsista e um aluno voluntário do curso de Licenciatura em Pedagogia do campus Inconfidentes.

Ao trabalharmos com a alfabetização de mulheres, nos inserimos no campo de estudos e de práticas da educação de adultos e, também, nos envolvemos com a temática da educação popular. “A educação de adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como Educação Popular” (FREIRE, 2003, p.15). Paulo Freire foi um dos precursores da educação de adultos no Brasil na perspectiva da educação popular, ou seja, na perspectiva da valorização da cultura e dos saberes populares, daqueles

¹Bolsista PROEX, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: endereco.eletronico@gmail.com.

²Estudante IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: endereco.eletronico@gmail.com.

³Orientadora, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: endereco.eletronico@gmail.com.

e daquelas que ficaram à margem de uma série de direitos sociais, dentre eles, o da educação. Na década de 60, Freire revolucionou a concepção de educação de adultos no Brasil, ao elaborar uma práxis educativa que tinha como princípio a cultura popular, suas vivências e saberes, bem como a compreensão de que as causas do analfabetismo estão relacionadas às desigualdades sociais. Para Gadotti (2003, p.30), “Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana [...]”. Os educadores enfatizam a importância da problematização do senso comum ao longo do processo de alfabetização. Desta forma, o processo de alfabetização é indissociável de um processo político de conscientização.

“A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.” (FREIRE, 2003, p.16)

Assim, a educação de adultos na perspectiva da educação popular está relacionada a processos educativos que acontecem para além da escola e dos currículos oficiais, se realiza por meio da iniciativa de movimentos sociais, programas de alfabetização e projetos de extensão universitária, como o que é objeto deste relato. Nos identificamos com a colocação de Soares, (2016, p.119) ao afirmar que a concepção de alfabetização de Paulo Freire é “... como um meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e o lugar do homem.”. Até aqui abordamos a perspectiva de educação popular e de alfabetização que nos inspiraram ao longo do projeto, a partir de então, trataremos do tema das mulheres, que nos remete ao conceito de gênero.

Após os estudos de gênero, de raça e de sexualidade não nos é possível mais educar, pesquisar ou fazer extensão sem considerar como esses conceitos se interseccionam nos sujeitos com os quais estamos lidando. Para Scott (1995, p.86) “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Assim, entendemos por gênero um conceito que nos auxilia na compreensão da realidade social a partir da diferenciação instituída entre homens e mulheres. Essa diferenciação de gênero que se constituiu ao longo da nossa história gerou uma relação desigual, estabelecendo o que Bourdieu (2018) denominou por uma dominação masculina. “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2018, p.22)

Os impactos da dominação masculina na educação formal das mulheres estão relacionados a diversas causas, incluindo a delimitação do espaço doméstico, da maternidade e do cuidado como os lugares naturais das mulheres. Portanto, várias mulheres foram impedidas de estudar devido ao dever de cuidar da casa, dos filhos e dos mais velhos. Além disso, havia uma prevalência na percepção de que as mulheres não precisavam estudar, uma vez que seu papel social era o de se casar e cuidar da

família. Para Louro (2015, p.454), “A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes”

Com base em dados do IBGE DE 2022⁴, constatou-se que entre a população idosa, a taxa de analfabetismo das mulheres alcançou 16,3%, superando ligeiramente a dos homens, que atingiu 15,7%. Além da influência de questões de gênero, consideramos que as condições econômicas também desempenham um papel significativo na dificuldade de acesso das mulheres à educação formal. No contexto do projeto, as participantes são mulheres com mais de 50 anos, pertencentes às camadas populares, que buscam alcançar autonomia financeira por meio do artesanato, como o crochê.

2. MATERIAL E MÉTODOS

As atividades de alfabetização foram desenvolvidas nas dependências do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS da prefeitura de Inconfidentes. O IFSULDEMINAS disponibilizou uma bolsista e um estudante voluntário do curso de Pedagogia, sob orientação da professora coordenadora do projeto. O CRAS disponibilizou, também, transporte para as moradoras da zona rural e o café da tarde. Os encontros aconteceram duas vezes por semana, às quintas e sextas-feiras, das 13h00 às 16h00.

Nos primeiros encontros, contamos com a participação de quatro mulheres, porém, por meio da divulgação do projeto pela equipe do CRAS, mais pessoas da comunidade se interessaram, ampliando nossa atuação para além das mulheres do grupo MOÇA. Conseguimos atender mulheres em situação de vulnerabilidade social moradoras da cidade e também da zona rural. A faixa etária das participantes está posicionada entre 50 a 70 anos. No final do ano de 2022 contamos com a participação de nove mulheres.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

Os primeiros encontros tiveram um caráter introdutório, permitindo que os estudantes se apresentassem e estabelecessem um conhecimento inicial das mulheres envolvidas. Durante essas reuniões, buscamos entender mais sobre a localidade em que residem, suas atividades relacionadas ao crochê, bem como seus outros interesses. Procuramos, também, mapear o histórico educacional delas, indagando sobre sua experiência escolar. A partir dessa etapa inicial de interação, emergiram relatos que evidenciaram um padrão comum: a falta de frequência escolar ou uma presença limitada na sala de aula. As justificativas apresentadas incluíam expressões como “naquela época a gente não podia estudar”, ou “o pai não deixava estudar” ou, ainda, “não tínhamos condições de ir à escola, era tudo mais difícil”. Por meio de suas falas podemos perceber como as questões de gênero se entrelaçam

4 [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste#:~:text=Na%20an%C3%A1lise%20por%20sexo%2C%20a,homens%20\(15%2C7%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste#:~:text=Na%20an%C3%A1lise%20por%20sexo%2C%20a,homens%20(15%2C7%25).).

com a desigualdade social e econômica, impedindo o acesso à educação escolar.

A partir de então, realizamos um diagnóstico sobre o conhecimento que possuíam em relação ao alfabeto. Algumas mulheres dominavam pouco o alfabeto, conhecendo apenas algumas letras, enquanto outras já conseguiam formar sílabas. Assim, as atividades partiram do contato inicial com o alfabeto, progredindo gradualmente para a conquista da escrita das letras, o desenvolvimento da consciência fonológica e a formação de sílabas e palavras. De inspiração freireana, as atividades propostas priorizavam o diálogo com a cultura, os saberes e curiosidades das mulheres envolvidas. Além das atividades de alfabetização, foram realizadas, também, visitas às dependências do IFSULDEMINAS, campus Inconfidentes. O grupo visitou o Museu de História Natural Professor Laércio Loures e participou das atividades do IF Portas Abertas⁵.

4. CONCLUSÃO

Além do aprendizado inicial da leitura e da escrita, os encontros promoveram, também, momentos de socialização e inclusão social e cultural. Observamos que os dias de encontro eram esperados ansiosamente pelas mulheres, por ser um momento de aprendizado, mas, além de tudo, de socialização, de saída da rotina e de acesso a outras vivências. Para os (as) estudantes de Pedagogia as conquistas formativas foram substanciais. Vivenciaram, concretamente, a experiência de educar pessoas simples, com sede de conhecimento e com imenso respeito e valorização dos saberes escolares e dos professores. Além disso, aprenderam muito com essas mulheres, com a riqueza de saberes e experiência de vida que cada uma trouxe consigo.

A partir desta experiência, o projeto de extensão de alfabetização de mulheres se ampliou para um projeto maior de alfabetização de adultos na perspectiva da educação popular, com o nome “Ser Mais – Educação Popular”. E o grupo MOÇA continua unido em busca de suas conquistas.

5. REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.
- FREIRE, P. Educação de adultos: algumas reflexões. In. GADOTTI, M; ROMÃO, J.E. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- GADOTTI, M. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In. GADOTTI, M; ROMÃO, J.E. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- LOURO, G. Mulheres na sala de aula. In. DEL PRIORE, M.(org) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2016.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In. Educação e Realidade, v.20, n.2 jul/dez, 1995.

⁵ O IF PORTAS ABERTAS é um evento de extensão que visa apresentar à comunidade os cursos oferecidos pelo campus Inconfidentes.